

1984 e Nós.

Um filme, dois romances e a sociedade atual

Maria Ignês Carlos Magno

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

E-mail: unsigster@gmail.com

Resumo: A autora sugere a releitura de *1984*, em livro, de George Orwell, e em filme de Michael Anderson; além do livro *Nós*, de Eugene Zamyatin. Para ela, esses clássicos merecem ser retomados no momento em que a sociedade passa por uma nova reconfiguração, rodeada de imagens técnicas. São obras interessantes para pensarmos a ficção e a atualidade, uma vez que vivemos a insegurança perante o novo.

Palavras-chave: 1984; George Orwell; Nós; Eugene Zamyatin; sociedade atual.

Abstract: The author indicates the re-reading of the book *1984*, by George Orwell, and also of the movie by Michael Anderson, and the book *We*, by Eugene Zamyatin. According to the author, these classic works deserve to be retaken in a moment in which society is going through a new reconfiguration, surrounded by technical images. They are interesting works to think about fiction and present times, once we live an insecurity before the new.

Keywords: 1984; George Orwell; We; Eugene Zamyatin; current society.

Esta é uma história do futuro, não o futuro de espaçonaves e homens de outro planeta, mas de um futuro próximo.
(George Orwell, 1949)

Não é o medo do futuro que nos paralisa, mas o medo de não haver mais futuro. Como não é o medo da nossa morte que nos paralisa, mas a visão do vazio “depois da morte”.
(Vilém Flusser, 2008)

Não existe uma revolução final. As revoluções são infinitas.
(Eugene Zamyatin, 1920-1921)

1. INTRODUÇÃO

Em 2014, a obra de George Orwell *1984* completa 66 anos e *Nós* de Eugene Zamyatin, 93 anos. Um filme e dois velhos textos sugeridos para ser revisitados ou conhecidos nesse momento em que uma nova sociedade emerge e se

configura sob outras bases, uma delas a das imagens técnicas. Uma sociedade na qual, segundo Flusser¹, podemos reconhecer duas tendências básicas diferentes: “Uma indica o rumo da sociedade totalitária, centralmente programada, dos receptores das imagens e dos funcionários das imagens; a outra indica o rumo para a sociedade telemática dialogante dos criadores das imagens e dos colecionadores das imagens”. Pensando nessa sociedade emergente das imagens técnicas que nos rodeiam – “Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador que assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares”² –, no filme *1984* e nos romances acima citados, acredito que seja interessante retomarmos as obras para pensarmos a ficção e a atualidade, uma vez que também vivemos a insegurança perante o novo que se desenha. Como o espaço aqui é de sugestões tanto de filmes como de possíveis reflexões, proponho uma leitura sobre alguns aspectos das obras em si e as atualizações históricas da ficção, além de sugerir a leitura do romance que deu origem ao livro de George Orwell e ao filme de Michel Anderson: *Nós*, do escritor russo Eugene Zamyatin.

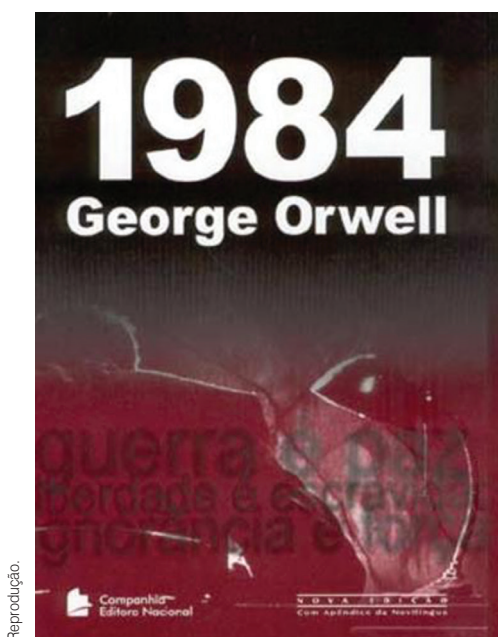
2. 1984. O LIVRO E O FILME

O livro de George Orwell foi escrito em 1948, uma inversão do ano de 1984, e publicado em 1949. Três anos após o fim da Segunda Guerra, quando ainda eram fortes as lembranças de Hiroshima e do Holocausto, das revoluções socialistas que se espalharam pela Europa e Ásia, bem como a possibilidade de uma catástrofe final caso uma guerra nuclear acontecesse, agitavam as mentes e fazia crescer a produção de ficções sobre o futuro da terra e da humanidade. O livro de Orwell surge exatamente nesse contexto do mundo bipolar, dividido entre economias, regimes políticos e ideologias opostas. O romance foi entendido na época como uma clara alusão aos regimes totalitários surgidos no período do pós-guerra (1919-1939), como o *nazismo* e sua política racial e de intolerância contra todo tipo de diversidade ideológica e, principalmente, como o *stalinismo* e o modelo soviético de sociedade uniforme, que também não aceitava nenhum tipo de discordância de pensamento e ação fora dos parâmetros ditados pelo Partido. Polêmicas e debates acentuaram-se pelo crescente aperfeiçoamento dos sistemas de vigilância interna e externa tanto dos países socialistas como os países ditos democráticos, por exemplo, os Estados Unidos. Mesmo criticado pelas duas vertentes políticas, esquerda e direita, o romance se transformou em um dos livros mais lidos e vendidos na época. Popularidade e clima de medo instaurado na época favoreceram a trama para a adaptação do livro para o cinema em 1955.

1984, como sabemos, narra a história de uma sociedade controlada pelo Estado, onde os indivíduos são vigiados o tempo todo pelo Grande Irmão pelas telas de televisão instaladas em todos os lugares, inclusive nos cômodos das casas – as teletelas, como eram chamadas pelas personagens. Nesse Estado, Winston

1. FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008, p. 13.

2. Idem, p. 15.



Reprodução.

Smith, funcionário do Ministério da Verdade, cuja função era a de reescrever a história diariamente, e Julia, funcionária do Ministério do Amor, cuja função era a de escrever romances para pobres, se apaixonam e desafiam as leis do Estado. Sonham com um mundo livre, tentam entrar na resistência, mesmo sem saber se ela existia de fato, para lutar contra o Grande Irmão, mas são traídos e punidos ou, melhor dizendo, são reeducados pelo Partido.

O filme começa com uma voz alertando: “Esta é uma história do futuro, não o futuro de espaçonaves e homens de outros planetas,

mas de um futuro próximo”, seguida de imagens de explosões atômicas. As pessoas correm pelas ruas da cidade para se esconder das explosões. Uma dessas pessoas é Winston, que se abriga na entrada de uma loja. Ao lado dele, esconde-se uma mulher, Julia. Quando Winston olha para ela, fica assustado e sai correndo. Chega a sua casa, abre a porta, joga no chão um pacote que carregava e o empurra com os pés para longe da porta e do olho eletrônico instalado na parede da sala. Em frente ao olho-tela, mostra seu número, a pasta de serviço e os papéis que estão dentro. Responde às perguntas feitas pela voz que sai do olho-tela, vai até sua mesa de trabalho, abre o pacote e tira de dentro um livro, na verdade, um Diário em branco. Abre o Diário, risca a data que estava registrada, 1960, e embaixo escreve: 1984. Senta-se e começa a escrever seus pensamentos. Os primeiros registros falam de um tempo em que não se escrevem mais Diários, pois eles, como muitas outras atividades intelectuais, estavam proibidas. Sob severa vigilância do Grande Irmão que tudo vê, tudo sabe e tudo ouve, até os pensamentos quando expostos ou mesmo ditos durante o sono, restam os registros silenciosos das palavras escritas. Inicia seus registros quando a campanha toca. Na porta, em pé, com uma arma apontada para ele, está a menina Selina em seu dia de exercício de vigiar e delatar desvios de conduta. O pai de Selina chega e o convida para um gim. No bar, é alertado pelo amigo de que não devem se sentar perto de traidores e se afastam. Os traidores serão banidos depois de se retratarem em público. Chega Julia, pede um café. Ele novamente se assusta e diz ao amigo que tem medo dela. Acredita que ela o vigia. Estão montados alguns elementos da trama e do clima do filme em preto e cinza: o Diário, as teletelas vigilantes, o encontro dos futuros amantes que acreditavam que “o mundo do amor não podia ser controlado”, o perigo da delação e a transformação física e mental

daqueles que ousavam falar contra o Grande Irmão, que fica exposto em todos os trajetos e caminhos da cidade, além de seu rosto nas telas gigantes que fala à população todos os dias.

O filme traz outras informações sobre a vida e a organização do Estado. O Estado era dividido em Ministérios. Um deles era o da Verdade, responsável por reescrever a história diariamente para que o presente estivesse assegurado, bem como o passado e o futuro, já que a verdade histórica era diariamente editada. E por “aquele que dominava o presente, dominava o passado e o futuro”, nas palavras do chefe de Winston. Esse Ministério também era responsável pela criação de um novo idioma – a novilíngua. Uma língua que permitia a comutação binária de termos opostos, de modo que duas afirmações contraditórias podem ser verdade ao mesmo tempo – explicação que o chefe do partido dá a Winston na grande sala futurista onde trabalhava. Nessa sala, todos os dias havia o Minuto do Ódio. Todos os funcionários se reuniam na sala, a tela projetava as notícias da guerra contra os inimigos, Eurásia ou Lestásia, e todos urravam e fortaleciam o ódio contra os inimigos. Esses encontros do ódio também ocorriam na praça principal da cidade.

Tinha também o Ministério do Amor, o Ministério do Controle do Pensamento e outros. Havia ainda uma divisão rígida da cidade em duas zonas: a Zona da elite, altamente vigiada, e a Zona proletária, onde não se viam as telas. No bairro proletário, existia uma loja, um Antiquário onde Winston comprou o antigo Diário e para onde ia todas as vezes que se sentia ameaçado. Essa casa Antiquário mais tarde seria o local dos encontros de Julia e Winston, fosse para se amar ou discutir sobre liberdade e resistência. Naquela loja e quarto, onde se sentiam seguros, o dono era na realidade o chefe do Ministério do Controle do Pensamento e no quarto, atrás do espelho, estava instalada uma câmera escondida registrando tudo. Naquele quarto, foram presos e levados

para um lugar onde seriam curados. Lugar indeterminado, um tipo de prisão para onde levavam os traidores para serem reeducados e curados. A cura e a reeducação eram alcançadas após longas sessões de torturas até serem considerados aptos para voltarem a viver na sociedade.

Separados, Winston e Julia só voltam a se encontrar na praça onde o Grande Irmão pronunciava seus discursos diários. Sentados sob uma árvore, confessam que se traíram e que não sentem mais nada, não se reconhecem mais, nem os sentimentos. A voz do Grande Irmão invade a praça, Winston interrompe a fala de Julia e corre em



Reprodução.

direção à grande tela, Julia chora e Winston grita e saúda o Grande Irmão. Fim. Trágico fim para os heróis e a revelação da pessimista visão de mundo do Orwell.

Como o intuito é propor o filme para falar dos romances de George Orwell e de Eugene Zamyatin, essas informações apresentadas são necessárias para entendermos não só a influência de Zamyatin sobre Orwell mas a importância de conhecermos Zamyatin e sua literatura banida por longo tempo da história literária russa e quase desconhecida deste lado ocidental do mundo, que, apenas nos anos 1980, mais propriamente em 1983, um ano antes de *1984*, voltou a circular entre nós e no meio literário russo, ainda que entre os títulos classificados como ficção científica ou literatura utópica. Vale ainda conhecer *Nós* para podermos discutir *1984* na perspectiva literária, e não apenas como profecia, e de tudo que se falou dela em diferentes épocas.

3. NÓS E 1984: EUGENE ZAMYATIN E GEORGE ORWELL

O romance *Nós* foi escrito entre 1920-1921. Não foi aceito para publicação. O texto foi lido em 1923 numa reunião do Sindicato dos Escritores Russos e provocou uma onda de violentos ataques dos críticos e escritores do partido. Considerado uma sátira sobre uma sociedade totalitária, *Nós* foi escrito quando ainda não se discernia o totalitarismo futuro³. Zamyatin foi um poeta gozador, lutador herético da liberdade e da independência na arte e na vida. Para ele, o riso era a mais devastadora das armas. Atacou o totalitarismo emergente, a brutalidade, a violação e a destruição da liberdade. Vivia em constante debate com os críticos e escritores e, mesmo assim, nos primeiros anos após a revolução ainda conseguiu publicar seus livros. À medida que o poder endurecia, seus textos foram desaparecendo dos jornais e dos periódicos até o completo banimento da literatura russa após 1929, quando o controle total da produção literária foi entregue a Arep (Associação Russa de Escritores Proletários). Diferentemente de muitos de seus contemporâneos, não se submeteu e nem se retratou. Impossibilitado de escrever e sem ser publicado apesar do sucesso de seus textos, escreveu juntamente com seu amigo e também escritor Mikhail Bulgákov uma carta a Stálin solicitando permissão para sair da Rússia. Máximo Gorky interfere junto a Stálin e Zamyatin deixa a Rússia em 1931. Viveu em Paris até 1937, quando morreu de problemas cardíacos. De acordo com Mirra Ginsburg⁴, Zamyatin sempre se considerou um escritor soviético à espera, conforme escreveu a Stálin, “de que se torne possível em nosso país servir às grandes ideias sem aviltar-se diante dos homúnculos”. *Nós* foi publicado na Inglaterra em 1924.

Nós narra a história de um Estado quadrado, de homens quadrados, uma sociedade severa, disciplinada e totalmente controlada, onde a emoção fora banida, onde cada momento era vivido de acordo com o programa, numa cidade de

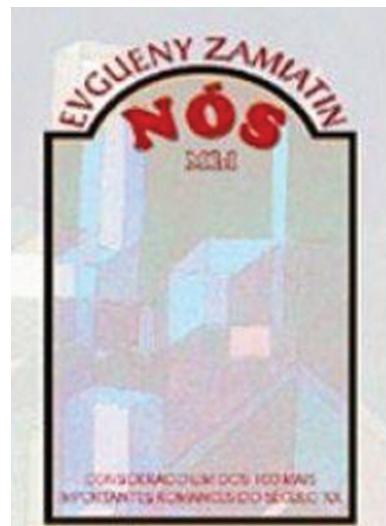
3 GINSBURG, Mirra. Introdução. In: ZAMYATIN, Eugene. *Nós*. Rio de Janeiro: Anima, 1983, p. 16.

4. Idem, p. 15.

casas de vidro, onde tudo era regido pelos Horários, onde até o amor se fazia em dias e horas certas. É considerado uma tragédia humana profundamente comovente e um estudo da variedade de emoções humanas em que cada personagem representa uma delas. Todos eram literalmente números. O personagem principal é D-530, um matemático e construtor do Integral, um projeto do Estado Uno governado pelo Benfeitor. O Integral era “uma nave que seria lançada ao espaço cósmico para integrar e submeter seres desconhecidos de outros planetas, que ainda viviam em condições primitivas de liberdade, ao jugo generoso da razão”, transcrevia D-530 em

seu Diário uma nota proclamada na Gazeta do Estado Uno. A heroína por quem ele se apaixona chamava I-330 e trabalhava no Departamento dos Guardiões. Outra personagem importante é O-90, que, apaixonada por D-530, queria ter um filho dele. D-530 acreditava matematicamente no Estado Uno e no Benfeitor sem questionar nada, era totalmente moldado àquela sociedade. Só tinha um problema: suas mãos eram peludas. Além das mãos peludas, fora tomado por uma paixão violenta e irracional por I-330, a heroína rebelde. Foi quando descobriu a identidade individual, seu eu. Apavorado com a descoberta, procura um médico e descobre que está profundamente doente, havia-lhe nascido uma alma. Uma doença que pensava ser incurável, porque também começou a sonhar e a se perguntar: *Quem sou eu?*, ou, ainda, *Quem são eles?*, após ter visto pessoas peludas atrás da Muralha Verde que separava os habitantes do Estado Uno e os que permaneceram fora da cidade após a Guerra dos Duzentos Anos. Eles são a “metade que perdemos?”, a metade irracional que sente?. A metade que vivia fora do programa e das linhas retas que formavam o Estado Uno.

Nós foi traduzido em mais de dez países e foi um dos livros mais apreciados por George Orwell. Escrito 25 anos antes de *1984*, efetivamente exerceu uma profunda influência sobre Orwell. Se lido cuidadosamente, podemos dizer que foi quase um roteiro, considerando, é claro, as diferenças próprias de cada um dos romances. Apenas para recuperar alguns aspectos além do foco principal ou a crítica feroz aos regimes totalitários, à perda da identidade, o desejo de se rebelar e a trágica impotência diante de um Estado forte, é quase impossível não lembrar ou relacionar, por exemplo, trechos em que o D-530 lê no jornal: “segundo fontes autorizadas, surgiram pistas da organização clandestina que pretende a libertação do jogo generoso do Estado” e se pergunta: “Libertação? Quando a liberdade do Homem é zero ele não comete crimes. A única maneira de livrar o homem do crime é livrá-lo da liberdade”, com a Resistência e os slogans: “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão e Ignorância é Força”, em *1984*.



Reprodução.

Em *Nós*, o Estado era organizado em Departamentos como os Ministérios em *1984*. A Cidade era toda de vidro sob uma parede transparente onde o céu era sempre de um azul límpido, sem nuvens. Cercando a Cidade, uma Muralha Verde, além dela, bosques e todo tipo de vida selvagem, antiquada e pré-histórica, com pessoas peludas. Todos na cidade de vidro usavam uniformes azuis. Não eram cinza, mas Unifes Azuis, como escrevia D-530 em seu Diário. O Antiquário que ficava na Zona proletária em *1984* é a Casa Antiga de *Nós*. A Casa Antiga também ficava fora da cidade de vidro e era quase um museu, onde se encontravam peças e lembranças do período anterior à Guerra dos Duzentos Anos. O Coral que Winston compra no Antiquário e o diálogo com o vendedor lembra o sentido das coisas no Estado Uno: esse objeto, lhe diz o vendedor, “é de uma beleza que pertence a outro tempo, não é útil”. Tudo no Estado Uno só tinha valor se fosse útil, até a poesia. A Casa Antiga era o local onde os rebeldes do Estado Uno se encontravam para articular a rebelião que seria deflagrada no Dia da Unanimidade, quando todos os habitantes se juntavam num grande evento para votar pela continuidade do Benfeitor. No quarto da casa do Antiquário, Winston e Julia conversavam sozinhos sobre a possível Resistência. Da janela, olhavam para um quintal onde uma mulher cantava lavando roupas ou dando banho em seu filho. Cenas de um cotidiano que não existia mais em *1984* e nem em *Nós*. Em *1984*, as mulheres estavam organizando um Ministério para controlar o amor; em *Nós* havia o Departamento de Criação de Crianças. Nos dois romances, as personagens Julia e O-90 querem ter filhos. Julia e Winston foram presos e punidos. No Dia da Unanimidade, no Estado Uno, quando a Voz pergunta se todos estão de acordo com a continuidade do Benfeitor, todos levantaram as mãos, inclusive D-530. Quase todos, porque a heroína I-330, o poeta R-13 e mais os rebeldes levantam as mãos pela não continuidade do Benfeitor, eram contra. Estava decretada a rebelião e o tumulto tomou conta do lugar. Os rebeldes foram presos ou morreram lutando. A rebelião foi derrotada, mas as lutas continuaram na Zona Oeste da cidade. Muitos conseguiram alcançar o outro lado da Muralha Verde, o exterior. Um dos números que conseguiu sair foi O-90, grávida de D-530.

D-530 e I-330 também foram presos e punidos de maneiras diferentes. D-530, que pensava que sua doença da alma era incurável, errou porque o Departamento de Medicina encontrou a cura para seu mal. Ele e outros números foram presos, encaminhados ao auditório mais próximo, o Auditório 112. Ali foram amarrados às mesas e submetidos à Grande Operação. D-530 se sentiu aliviado e registrou: “estou bem, inteiramente, absolutamente bem – Não posso deixar de sorrir; uma espécie de farpa foi extraída da minha cabeça, e a cabeça está leve, vazia”. A cura estava feita, os médicos do Benfeitor “descobriram o remédio para a individualidade, a rebelião, a humanidade: uma simples operação para extrair o foco de toda a infecção – a imaginação”⁵. Já I-330 foi levada à Câmara de Gás. Ela devia prestar depoimento. Mesmo torturada, não revelou nada. Não disse uma palavra. Os demais, de acordo com D-530 que presenciou as torturas junto com o Benfeitor, foram mais honestos: falaram. Alguns traíram a Razão, mas tinha confiança que

5. Idem, *ibidem*.

venceriam “porque a razão deve prevalecer”. Fim. Ou quase fim. Esse final foi trágico para os heróis que foram transformados igualmente aos heróis de *1984*. Quase igual porque, diferentemente de *1984* de Orwell, em *Nós* de Zamyatin a rebelião continuou dentro e fora da cidade de vidro. E O-90 teve o filho de D-530 no exterior, livre do Estado Uno. Não podia ser de outra maneira, se pensar que os slogans que moviam a heroína eram: “Não existe uma revolução final. As revoluções são infinitas” e “Não quero que ninguém queira por mim – Quero querer por mim mesma”. Ainda pela boca de sua heroína, Zamyatin escreveu: “Derrubaremos todas as paredes para deixar a aragem renovadora soprar livremente de um extremo a outro da Terra”. Influências e coincidências: ambos os autores morreram sem saber da dimensão histórica e literária que seus textos tomaram.

4. 1984, NÓS E A SOCIEDADE ATUAL

Historicamente sabemos que o ano de 1984 passou e o futuro descrito por Orwell não se realizou. Que bom, porque agora podemos ler o romance *1984* como ficção. Ficção que teve nos acontecimentos históricos da época (1948-1949), na sua trajetória política e pessoal, e mais a temática do Estado centralizador de *Nós* (1920-1921) de Zamyatin as bases para a sua construção. Se o tomamos como profecia é parte de outra história. Duas obras e um filme que, vistos pelas épocas em que foram produzidos, parecem deslocados e fora de lugar. Afinal, nem os regimes totalitários nem a temática da sociedade controlada pelo Grande Irmão têm espaço nos dias atuais. No entanto, se aqueles temas e temores não estão mais na pauta do dia, outros aspectos das duas obras ainda estão e merecem uma revisitação para pensarmos a atualidade.

É claro que o texto de George Orwell é mais perceptível nas atualizações históricas. O mundo sombrio das guerras nucleares e da opressão do partido único não se realizou, e as revoluções técnicas e tecnológicas incipientes nos período entre e pós-guerras, como a TV e o computador, hoje são elementos presentes em nosso cotidiano e em nossas casas e até em todos os cômodos das casas e apartamentos. O temor do Grande Irmão se transformou em espetáculo, as classes sociais, embora ainda existam, compõem o mesmo universo do consumo, as câmeras andam conosco por todo lado e as telas estão em todos os lugares. Nesse conjunto de realizações tecnológicas e inversões de sentidos, dois deles nos escapam: o sentido da vigilância e o de liberdade. O que era parte do terror foi transformado em necessidade. Precisamos de câmeras para termos segurança nas ruas, nas casas, nas lojas, nos parques, nos elevadores, precisamos até sorrir porque estamos sendo filmado o tempo todo. A vigilância e a opressão são de outra ordem e não precisam mais da cara do Grande Irmão distribuída pelas ruas e esquinas para lembrar que estamos sendo vigiados, porque a grande nave Integral construída por D-530 já está há muito tempo no espaço *integrando tudo e todos*. Supercomputadores e todos os dados que necessitam para programar e controlar o presente e assegurar o futuro.

Os habitantes da Oceania e do Estado Uno sabiam que existia um centro de poder e do controle, nós não sabemos mais onde eles se encontram. E esse é um dos pontos da obra de Zamyatin que pode ser recuperado: para além da história do Estado Uno, encontra-se o da racionalidade levada ao extremo. No Estado Uno, a racionalidade técnica já havia alcançado o auge da realização. A razão se sobrepunha a toda e qualquer forma de sentimento. A vida era matematicamente calculada, programada a ponto de não conseguirem imaginar uma vida que não fosse regulada pelos algarismos do Horário. “Ah, por que não sou poeta, para render um merecido tributo ao Horário, coração e pulso do Estado Uno?”, escrevia D-530 em seu Diário. A racionalidade, ou melhor, a racionalização da vida que não podia correr fora dos trilhos e dos algarismos dos relógios, era a fórmula da felicidade, imposta é claro. Todos iguais e felizes porque os *Eus* estavam diluídos no *Nós*. Essa era uma das questões presente no romance, o problema do homem em seus múltiplos aspectos; as relações sociais; o conflito entre a liberdade e a segurança da não liberdade, a individualidade, a separação entre racional e irracional, a emoção. Basta lembrar que um dos motivos pelos quais D-530 se sentiu enfermo foi o momento em que descobriu a individualidade, passou a sonhar todas as noites e entendeu o porquê de suas mãos de símio quando se emocionou ao ouvir uma música erudita enquanto toda a plateia ria daquele som pré-histórico.

Se no centro da sociedade descrita por Zamyatin estava o Benfeitor, na nossa não há Benfeitor e nem contra quem lutar. No centro da “sociedade emergente, dessa sociedade que deve ser alterada, se encontram emissores. Quem deles se aproxima para participar ou para criticar, os perde de vista. Como o Castelo de Kafka. Os emissores são cebolas: podem ser ‘explicados’ nível após nível, até não restar nada. É que nos centros da sociedade emergente não há ninguém nem nada”⁶. E quem estiver engajado em alterar a sociedade, continua Flusser, “descobrirá que não há ninguém nem nada contra o qual poderia engajar-se. Que termos como ‘luta’ não mais se aplicam”⁷.

Vivemos hoje uma situação ainda diferente de D-530, que escrevia encantado sobre as mudanças conquistadas após a Guerra dos Duzentos Anos. “Durante a Guerra dos Duzentos Anos, quando todas as estradas ruíram e cobriram-se de mato, deve ter sido extremamente desagradável viver em cidades isoladas umas das outras por florestas verdejantes. Mas que mal faz isso? Logo que o homem perdeu a cauda, deve ter sido bem difícil para ele espantar as moscas sem ajuda daquele apêndice. Sem dúvida alguma sentiu falta da cauda. Mas agora – será que você consegue se imaginar com uma cauda? [...] O mesmo se dá comigo: não consigo imaginar uma cidade que não esteja protegida por uma Muralha Verde; não consigo imaginar uma vida que não seja regulada pelos algarismos do nosso Horário”. D-530 já vivia as mudanças realizadas pelas guerras e/ou revoluções tecnológicas, nós ainda consideramos difícil imaginar o “desaparecimento do tecido social no qual vivemos, a derradeira decomposição dos grupos aos quais pertencemos. Podemos imaginar que estaremos todos concentrados sobre as nossas teclas e os nossos computadores em casa, mas dificilmente imaginamos o desaparecimento das cidades, aldeias, das

6. FLUSSER, Vilém, op. cit., p. 99.

7. Idem, *ibidem*.

nações, das culturas geograficamente distintas que tal concentração terá como efeito”⁸. E essa é uma das nossas questões atuais que compartilhamos com as ficções: o temor de um futuro próximo e o fato de não sabermos exatamente qual das duas direções identificadas por Flusser nessa sociedade emergente se realizará – a da sociedade totalitária centralmente programada ou a sociedade telemática dialogante?

A discussão está em curso e renderia tantas outras páginas de reflexão. Esse é o sentido de ter buscado o filme e dois textos antigos para este número da revista. Não como profecia, mas como possibilidade para pensar o presente. Sem deixar de dizer que o que foi trazido nestas páginas sobre os livros e os autores é infinitamente pequeno perto das possibilidades que a ficção permite. Daí a sugestão meio fora de moda. E, por mais apocalíptica que possa parecer, das três versões propostas, fico com as palavras finais da heroína I-330 de Eugene Zamyatin: “Não existe uma revolução final. As revoluções são infinitas”.

REFERÊNCIAS

STARLING, Cássio; GUIMARÃES, Pedro Maciel, MELLO, Marcus. 1984: um filme baseado na obra de George Orwell. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013.

1984. Direção: Michael Anderson. Reino Unido: Columbia Pictures, 1956 [produção]. DVD (90 min), cópia da Coleção Folha Grandes Livros no Cinema. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

GINSBURG, Mirra. Introdução. In: ZAMYATIN, Eugene. **Nós.** Rio de Janeiro: Anima, 1983.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

ZAMYATIN, Eugene. **Nós.** Rio de Janeiro: Anima, 1983.

8. Idem, op. cit., p. 114.